

O DISCURSO COMO FORMA DE VEICULAÇÃO DO PODER: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE MARX E FOUCAULT

Autor: José Cândido Rodrigues Neto (1); Coautora: Solênia Cristina de Queiroz (2)

(1) Universidade Estadual da Paraíba – jcrnto13@gmail.com; (2) Universidade Estadual da Paraíba - soleni06@gmail.com.

Resumo: Notoriamente, vivemos em uma sociedade marcada por diversas práticas discursivas, onde cada uma destas é pautada por jogos de interesses ou reivindicações de determinada camada ou grupo social. Com efeito, o nosso cotidiano torna-se palco de diferentes discursos, tendo uns mais respaldo e outros ficando relegados à marginalidade. Disto decorre que o discurso tanto pode ser algo usado para dominar e manter o poder, como também pode ser uma forma de resistência ao poder vigente. Isto torna patente a importância política desempenhada pelas práticas discursivas dentro de nossa sociedade. Nesse sentido, buscaremos investigar as seguintes questões: Quais são os mecanismos existentes na sociedade que visam controlar as diferentes práticas discursivas e porque estes garantem mais credibilidade e respaldo à determinados tipos de discurso em detrimento de outros? Para realizarmos tal investigação recorreremos a uma pesquisa bibliográfica e de revisão de literatura, onde utilizaremos algumas reflexões feitas por Michel Foucault, em sua obra *A ordem do discurso*. Também utilizaremos outros elementos do pensamento Foucaultiano, bem como alguns conceitos do filósofo Karl Marx, como: *Ideologia* e *antagonismo de classes*. Por meio deste trabalho, esperamos apontar algumas imbricações políticas e ideológicas relacionadas a algumas formas de discurso que surgem em nossa sociedade, tendo em vista que cada uma destas possuem intencionalidade e direcionamento, pois os discursos não surgem ao acaso. Neste sentido, Foucault nos alerta que há uma estreita relação entre saber e poder, tendo o poder a capacidade de gerar novos saberes e novos regimes discursivos que se atrelam a estes. De posse disto, e partindo da concepção marxista de antagonismo de classes, podemos inferir que havendo um poder hegemônico, que seria vinculado a uma classe dominadora, este se tornaria um vigoroso mecanismo de controle ao surgimento e a difusão dos discursos. Dentro desta perspectiva a classe exploradora seria detentora de um discurso hegemônico, por outro lado a classe explorada também produziria seu discurso, sendo que este ficaria relegado à marginalidade e se configuraria em uma forma de resistência.

Palavras-chave: Discurso, poder, saber.

1. Introdução

É patente que vivemos em uma sociedade marcada por diversas práticas discursivas que direcionam e organizam nossa percepção da realidade. Entretanto, cada uma destas atende a determinados jogos de interesses, pois elas não surgem ao acaso. Desta maneira, nosso cotidiano passa a estar mergulhado em diferentes formas de discurso, sendo que uns ganham mais respaldo que outros. O filósofo francês Michael Foucault defende que as relações de poder existentes na sociedade são responsáveis pelo surgimento de novos saberes. Estes por sua vez, se estruturam a partir das práticas discursivas que os dão sustentação. Disto decorre, que das relações de poder surgem novas formas discursivas. De posse disto, e partindo do pressuposto marxista de antagonismo de classes podemos inferir que da relação entre classe opressora e classe oprimida decorre dois tipos de discurso que estariam presentes na sociedade, a saber, o discurso de dominação dos opressores e o discurso de resistência dos oprimidos.

A partir disto, buscaremos investigar as seguintes questões: Quais são os mecanismos de controle na sociedade que garantem maior credibilidade a determinadas práticas discursivas em detrimento de outras? E como tais mecanismos se estruturam? Para discutir estas questões partiremos de uma pesquisa bibliográfica que tem por base os autores Michael Foucault e Karl Marx. Como complementação teórica também utilizaremos obras de estudiosos deste dois pensadores, com o intuito de ampliarmos nossa compreensão dos conceitos abordados neste trabalho.

De início partiremos do pressuposto foucaultiano de que um poder gera um saber, onde este é estruturado por formas discursivas a ele atreladas. Entretanto, não partiremos da abordagem foucaultiana de relações microfísicas do poder, mas sim da abordagem marxista de dualismo de classes, que defende que uma classe dominadora detém o poder e com isto visa perpetuar a condição de exploração sobre uma classe que passa a ser oprimida. Optamos pela abordagem marxista por compreender que ela é pertinente para analisarmos nosso contexto social e político, tendo em vista que o Brasil é um país onde existem inúmeras desigualdades e injustiças sociais, e que muitas delas são decorrentes da exploração de uma classe menos privilegiada por outra mais abastada. Sendo assim, por meio do binômio saber-poder foucaultiano analisaremos a relação de antagonismo de classes e as implicações que esta dicotomia tem para o surgimento de discursos que permeiam a sociedade. Com efeito, esperamos que este trabalho possa apontar algumas implicações que a relação entre saber e poder tem dentro de um contexto de embate entre classes sociais e também apontar algumas formas em que tal relação se estrutura dentro deste contexto. Esperamos fazer isto por meio de conceitos dos filósofos Michael Foucault e Karl Marx, não pretendemos com

isto traçar uma relação ou comparação entre a obra destes autores mais apenas recorrer a alguns de seus conceitos para podermos desenvolver nossa análise no que tange a produção e veiculação de diferentes práticas discursivas. Analisar tal aspecto da sociedade tem a relevância de nos fazer compreender algumas formas estruturais de nosso contexto social, político e cultural, tendo em vista que este se organiza por meio de diferentes formas discursivas, uma vez que estas direcionam nossa forma de percepção da realidade.

2. Foucault e o binômio saber-poder

O filósofo francês Michel Foucault nos faz atentar para íntima relação que se dá entre o poder e o saber. Em sua obra, este autor defende que o poder cria novos saberes. Por sua vez, cada saber tem capacidade de gerar novos discursos, que o difundem e o dão sustentação. Com efeito, nesta perspectiva o discurso passa a ser uma forma de veiculação de poder, havendo assim uma relação patente entre o poder e discurso. A obra de Foucault é dividida em três fases, sendo que a segunda, denominada de *Genealógica*, se ocupa em estudar os poderes e seus dispositivos. Desse modo, a fase *Genealógica* da obra foucaultiana pode nos ser útil para que possamos compreender como se dá a relação existente no binômio saber-poder, sobre esta fase da obra do filósofo francês são ditas as seguintes palavras:

Do ponto de vista da Genealogia, as práticas de poder são constitutivas com relação às práticas discursivas, ou seja, elas são geradoras dos saberes. Por isso, a Genealogia ocupa-se genericamente das estratégias ou relações das práticas de poder, na constituição de um determinado saber. Em suma, ela se ocupa das “práticas de poder”. Ou melhor, a Genealogia dá atenção especial ao binômio saber-poder. Todos os regimes de saber contêm relações de poder, não há aquele sem este. Essa é, talvez, a proposição mais conhecida a respeito da Genealogia. (CARDOSO JUNIOR, 2006, p.145)

Com efeito, disto decorre que a produção contínua de novos discursos está intimamente ligada às relações de poder existentes. Neste sentido, podemos compreender que as diferentes práticas discursivas existentes na sociedade possuem um íntima relação com o campo político. Sendo assim, nenhum discurso surge ao acaso ou a esmo, os diferentes discursos possuem intencionalidade e funções definidas, ou seja, cada um deles está atrelado à uma relação de poder existente no seio social.

Foucault nos mostra que a realidade muda conforme mudam os discursos, pois estes organizam nossa forma de percepção do mundo e das coisas. Em seu livro *a história da loucura*, o filósofo francês defende que nossa percepção e a experiência que temos a respeito da loucura se

altera ao longo do tempo. Assim, podemos inferir que nossa maneira de conceber a loucura se altera conforme surgem novos discursos a respeito deste tema. Sobre a mudança de discurso em relação à loucura é dito o seguinte:

Se a loucura, em nosso tempo, é uma doença e, por isso, deve ser tratada num hospital, em outra época, o louco já andou solto e, ao contrário, era visto como aquele, dentre todos os seres, que pertencia à estrada, ao ar livre, e não ao confinamento do hospício. Ele nos lembra que, se a prisão é um dispositivo correcional que visa recondicionar o indivíduo pela máxima exposição àqueles que o vigiam, já houve em outros tempos um regime de punição, a masmorra, cujo princípio de funcionamento era justamente contrário ao da prisão ou, ao menos, como esta é concebida nos tratados de Direito penal, pois a masmorra faz o corpo mergulhar na escuridão e o torna indistinto dos outros corpos submetidos ao mesmo regime. (Ibidem, p. 138)

Portanto, podemos perceber que nossa concepção a respeito das coisas se altera ao longo do tempo. Isto se dá devido a mudança de configuração na sociedade, onde surgem novas relações de poder e estas são responsáveis pelo aparecimento de novas formas discursivas que organizam e condicionam nossa forma de conceber as coisas. Se antes a loucura era praticamente ignorada e o louco era aquele que deveria viver em liberdade, hoje a loucura é tratada como caso clínico e o louco torna-se um paciente que deve viver confinado em um regime de internação. Portanto, as reflexões feitas por Foucault nos permitem perceber que poder e saber estão em íntima relação, sendo este produzido por aquele. Disto decorre, que os discursos existentes em cada sociedade são resultantes dos diversos saberes nela existentes. Além disso, é possível inferir que das relações de poder, além de surgir os diferentes discursos, surgem as formas de controle destes. Uma vez que:

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1999, p. 8-9)

Portanto, no próprio meio social há um controle em relação ao surgimento e veiculação das formas discursivas que se desenvolvem. Pensamos que este controle se dá no plano intelectual e também que ele se estrutura a partir de interesses de um grupo que detém o domínio sobre a produção intelectual e material da sociedade. Estaríamos a partir de agora lançando mão de uma análise marxista a respeito da forma como se estruturaram as relações de poder na sociedade, onde haveria a dicotomia entre a classe opressora e a classe oprimida.

3. O antagonismo de classe e os discursos de opressão e resistência

Em sua obra *Microfísica do poder*, Foucault defende que o poder constitui uma realidade microfísica. Para ele o poder se dá de forma difusa, estabelecendo micro relações. Nesta concepção, o poder não se centraliza, nem se totaliza, mas se divide em focos, formando uma teia que abarca as diversas relações no âmbito da sociedade. Neste sentido, o poder emana em todas as direções e de forma difusa. A concepção foucaultiana de poder se contrapõe à concepção Marxista, que defende que o poder se concentra nas mãos de uma classe, que se torna hegemônica e opressora. Pois como é dito, Em “Todas as sociedades anteriores, como vimos, repousam no antagonismo entre classes opressoras e classes oprimidas.” (ENGELS, MARX, 2007, p. 60).

Em nossa abordagem, utilizaremos a ideia foucaultiana de que um poder gera um saber, que engendra configurações discursivas atreladas a este. Entretanto, em relação a forma como o poder se dá no meio social optaremos por recorrer ao conceito marxista de *antagonismo de classes*. Levando-se em consideração que o nosso país é marcado por inúmeras desigualdades e injustiças sociais, parece patente que existe um dualismo na sociedade, não só no Brasil, mais em todo o mundo capitalista. De um lado, existe um grupo privilegiado que goza de inúmeros benefícios e que explora e oprime os indivíduos menos privilegiados. Por outro lado, existe uma camada da população constituída pelas classes com menor poder aquisitivo e que gozam de poucos benefícios devido à sua condição social e financeira, que muitas vezes precisam reivindicar seus direitos, pois estes não se efetivam ou são negligenciados. O que marcaria esta cisão social seria a quantidade de capital acumulado, pois isto traça a distinção entre a classe opressora, que é a classe burguesa, e a classe oprimida, que é constituída pelos trabalhadores e pelos indivíduos de baixo poder aquisitivo.

Este dualismo de classes é responsável por inúmeras injustiças, pois as classes opressoras desejam permanecer no poder e para isto necessitam manter a condição de dominação sobre as classes oprimidas. Uma das formas de perpetuar este estado de dominação seria por meio de discursos ideológicos, que defenderiam os interesses de uma classe dominante. Partindo do pressuposto foucaultiano de que um poder gera um saber, então poderíamos inferir que o poder da classe dominante é responsável por diversos saberes que sustentam práticas discursivas pautadas na dominação, e que torna-se ideológicas para as classes oprimidas. Também decorre que do poder das classes exploradas surgem práticas discursivas, que tornam-se formas de resistência ao poder vigente. Entretanto, o discurso da classe hegemônica tende a prevalecer, pois é produto de um poder hegemônico. Como é dito:

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder material

dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. (MARX; ENGELS, 2007, p. 48 apud MACHADO, 2010, p.52)

A classe dominante como sendo detentora do poder material e do capital torna-se também detentora de grande parte da produção intelectual, e com isto controla diversos veículos discursivos, estendendo sua dominação às inúmeras fontes de informação, como por exemplo: a televisão, os jornais, as revistas, a literatura, entre outras. Neste sentido, os discursos de resistência ficam relegados às fontes alternativas como: blogs, jornais alternativos e outros veículos de pequena projeção, uma vez que aqueles de grande circulação são em sua maioria atrelados aos discursos hegemônicos da classe dominante e por ela controlados. Desse modo, por meio da difusão de discursos que defendem interesses de uma classe exploradora os dominadores estendem o domínio que se dá no plano material para o plano intelectual, uma vez que fazem prevalecer as práticas que se tornam veiculação do poder dominante.

4. Conclusão

Diante do que foi exposto anteriormente, é possível concluir que os diferentes discursos que surgem na sociedade estão atrelados à diferentes grupos sociais, e atendem as demandas destes. Entretanto, na própria sociedade há mecanismos de controle que excluem algumas práticas discursivas. Ficam relegadas à marginalidade aquelas que atentam contra a ordem vigente ou que colocam em questão as diversas relações que se dão no âmbito social. Tendo em vista que há uma classe privilegiada que detém o capital e que controla os diversos meios intelectuais, esta cria estratégias de manutenção do poder. Uma destas estratégias é a veiculação de discursos ideológicos que visam disseminar ideias que atendem as demandas de uma classe dominante. Sendo assim, através de discursos que visam camuflar as injustiças sociais e a exploração que ocorre na sociedade os exploradores buscam alienar as classes dominadas para que haja a manutenção do sistema econômico vigente, o capitalismo.

Deste modo, o discurso que se estrutura com o intuito de fomentar e perpetuar a exploração de um grupo por outro passa a ser um discurso ideológico de dominação, e este tem mais respaldo no meio social, uma vez que há um controle dos meios de circulação por parte dos grupos a que este discurso visa atender. Sabemos que os grandes veículos de informação em sua maioria são dominados por grupos capitalistas e que estes agem para que seus interesses sejam atendidos. Disto decorre, que tais veículos passam a acolher as exigências destes grupos e passam a disseminar as

ideias e a ideologia de uma classe dominante. Entretanto, também existem os discursos que visam resistir a esta situação e que põem em questão o *status quo* e a ordem vigentes. Tais discursos não possuem grande respaldo dentro dos veículos que são controlados pelas classes exploradoras e passam a ocupar uma posição de marginalidade. Todavia, com o surgimento da internet, surgem diversos espaços alternativos de difusão dos discursos de resistência, uma vez que a rede mundial não pode ser totalmente controlada por determinados grupos. Tal espaço pode ser fundamental para que o grito dos oprimidos possa ser ouvido, pois este a todo momento é encoberto pelos brados da opressão.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO JUNIOR, H. R. Foucault em voo rasante. In: CARVALHO, A. B. et al. (Orgs.). **Sociologia e educação: leituras e interpretações**. São Paulo: Avercamp, 2006. p. 135-159.
- COSTA, C. **Sociologia: Introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna, 2005.
- DROIT, R-P. Marx e o mundo de cabeça para baixo. In: _____. **Filosofia em cinco lições**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2012.
- ENGELS, F.; MARX, K. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Escala, 2007.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1999.
- JOHNSTON, D. Karl Marx: a marcha da história. In: _____. **História concisa da Filosofia: de Sócrates a Derrida**. São Paulo: Rosari, 2008.
- MACHADO, S. B. A ideologia de Marx e o discurso de Foucault: convergências e distanciamentos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 12, nº 23, p. 46-73, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/soc/n23/04.pdf> > Acesso em 10/03/2017.
- MAGALHÃES, F. **10 lições sobre Marx**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MARX, K. **Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel: Introdução**. São Paulo: Expressão popular, 2010.

SILVA, W. C.; CARVALHO, A. B. Contribuições do materialismo histórico para a educação. In: CARVALHO, A. B. et al. (Orgs.). **Sociologia e educação: leituras e interpretações**. São Paulo: Avercamp, 2006. p. 39-55.